

DISCURSO EUCLIDIANO EM *AMAZÔNIA, TERRA SEM HISTÓRIA*

Cila Mariá Ferreira Fonseca de Oliveira¹
Réleny Vilas Bôas Cerqueira Pereira²

RESUMO: O artigo apresenta uma análise dos discursos de Euclides Rodrigues da Cunha, referentes aos povos que habitavam na Amazônia, expostos na primeira parte de sua obra literária, publicada postumamente em 1909, “À margem da história”, sob o título “Na Amazônia, terra sem história”. Por ser uma obra vasta, delimitamos a pesquisa, selecionando alguns trechos da crônica “Os caucheros” inserido na primeira parte. Inicialmente, analisamos o título da primeira parte da obra, e em seguida selecionamos alguns recortes dos discursos presentes na crônica selecionada que aludem sobre a Amazônia e aos povos que nela jaziam. Objetivamos verificar as condições de produção do discurso e a posição do sujeito para assim compreender, por que o autor se posiciona de tal modo e não de outro. Para explanarmos sobre a análise do discurso, condições de produção e a posição do sujeito, embasamo-nos em estudos de Michel Pêcheux, Eni Orlandi, dentre outros. Observamos que Euclides designou a Amazônia e os povos que a habitavam, a partir de seu local de origem e de sua cultura, julgando-os como inferiores por não serem iguais ao seu ideal de sociedade e nem à civilização à qual ele estava vinculado. Diante do exposto, consideramos a importância da análise do discurso como mecanismo para a compreensão de como a linguagem materializa a ideologia e como o sujeito está interpelado por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Sujeito; Discurso; Condições de produção.

ABSTRACT: The article presents an analysis of the discourses of Euclides Rodrigues da Cunha, referring to the people who lived in the Amazon, exposed in the first part of his literary work, published posthumously in 1909, "On the margin of history" under the title "In the Amazon, land Without history ". As a vast work, we delimited the research, selecting some excerpts from the chronicle "Os Caucheros" inserted in the first part. Initially, we analyzed the title of the first part of the work, and then selected some clippings from the discourses present in the selected chronicle that allude to the Amazon and the peoples that lay in it. We aim to verify the conditions of discourse production and the position of the subject in order to understand why the author positions himself in such a way and not in the other. In order to explain the analysis of the discourse, conditions of production and the position of the subject, we are based on studies by Michel Pêcheux, Eni Orlandi, among others. We note that Euclid designated the Amazon and the peoples who inhabited it, from their place of origin and culture, judging them as inferior because they were not equal to their ideal of society and the civilization to which it was linked. Given the above, we consider the importance of discourse analysis as a mechanism for understanding how language materializes ideology and how the subject is interpellated by it.

KEYWORDS: Amazon; Subject; Discourse; Conditions of production.

Introdução

A Amazônia têm sido cenário-objeto de pesquisa e estudo de muitos historiadores, viajantes, pesquisadores etc., devido a sua riqueza e peculiaridades típicas da região, não

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, bolsista da Capes – cilamariah01@gmail.com

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, graduada em Letras/Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, bolsista da Capes - relenny1@gmail.com

encontradas em outros lugares. No âmbito da literatura, o escritor Euclides Rodrigues da Cunha foi o primeiro a produzir uma coleção de ensaios, reconhecidos nacionalmente que discursa e descreve a Amazônia. Embora saibamos que existam alguns romances da região norte, eles não tiveram na época tanta importância e circulação nacional, quanto a obra “À margem da história” de Euclides, e isso se dá, devido ao prestígio e relevância nacional do autor na sociedade e na Academia Brasileira de Letras.

Euclides Rodrigues da Cunha foi um escritor, sociólogo, repórter jornalístico, historiador, poeta, engenheiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em 1866 e faleceu em 1909, seu livro “À margem da história” foi publicado postumamente. Essa obra é composta de quatro partes, e para essa pesquisa selecionamos a primeira, intitulada “Na Amazônia, terra sem história”, composta de uma coleção de ensaios sobre a região amazônica, produzidos pelo autor a partir de sua viagem como chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento do Alto Purus.



Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com.br/2010/03/o-capitulo-acreano-na-vida-de-euclides.html>.³

À margem da história (com publicação em 1909), destaca literariamente as primeiras descobertas sobre geologia e arqueologia amazônicas. Em “Contra os Caucheiros”, Euclides apresenta o típico jagunço sertanejo do Norte, resultado da seleção “dos mais fortes” no ambiente amazônico.

³ Na imagem vemos Euclides num grupo a caminho do Purus, Comissão do Alto Juruá, 1905. Reprod. da Revista do Livro, n. 15, set. 1959. Coleção Juan Carlos. Publicada originalmente em Fon-Fon! RJ, ano 5, n. 18, 6 maio 1911.

Por ser uma obra vasta e complexa, decidimos analisar alguns trechos retirados do ensaio intitulado “Os caucheros” presentes na “Primeira Parte”, que discursam acerca da Amazônia, sobre os povos que habitavam nessa região e, também, sobre os que vieram habitá-la, nesse caso, os Caucheiros e os Bandeirantes.

Segundo Guimarães (2011), em 1904, Euclides fora designado para essa expedição pelo estadista Barão do Rio Branco, e partiu para Manaus em 13 de dezembro do mesmo ano. Hardman (2009, p. 19) destaca que “Euclides da Cunha, depois do sucesso estrondoso de sua narrativa da tragédia de Canudos, foi um dos primeiros escritores latino-americanos modernos a encarar o desafio de “escrever a Amazônia””.

Cronologicamente, suas publicações podem ser destacadas da seguinte maneira:

- Fevereiro de 1903 – Euclides da Cunha expressou em carta a Luís Cruls “o sonho de um passeio ao Acre”;
- De 1904 a 1908, Euclides escreveu: - em 1904, artigos na imprensa (1904a - 1904c, publicados no *Estado de São Paulo* e reunidos em *Contrastes e Confrontos*) antes de viajar para o Acre; - em 1905 e 1906, artigos sobre o rio Purus, já após sua visita oficial ao Acre a serviço do Itamarati com patente militar (1905a, 1905b; 1906a; 1906b); - em 1907, publica *Contrastes e Confrontos* (1907a; 1907b) em duas edições, das quais a segunda é ampliada, contendo os artigos de 1903, e um novo capítulo (1907c); *Peru versus Bolívia* (1907d); - em 1907, publica dois novos artigos que integram o livro *À Margem da História: "Brasileiros"* 1907e; *"Rios em Abandono"* 1908;
- Em 1909 envia para seu editor no Porto, a obra que foi publicada postumamente, *À Margem da História*.

A prosa amazônica de Euclides da Cunha, embora inconclusa, afirma Hardman,

vincula-se criticamente a linhagens literárias diversas, que vão da literatura dos viajantes ao modernismo hispano-americano, do romantismo ao naturalismo regionalista, de Alberto Rangel e Raimundo Morais, sempre na ótica dos impasses da representação daquele mundo. (HARDMAN, 2009, p. 21)

De acordo com Hardman, Euclides almejava uma linguagem que “sintetizassem as verdades da ciência e da arte”, com a expedição ao Alto Purus, por meio de seus ensaios iniciou esse discurso, porém não o completou.

Na crônica “Os Caucheros”, inserida em “À margem da história” (1909), o escritor relata a sua passagem pelos confins do Alto Purus, na fronteira Peru-Acre, durante sua viagem em 1905 para a Amazônia. Ele narra descrevendo sua chegada aos restos de um povoado,

como “ruinaria deplorável”, “tapera (quase) desabitada”, e seu encontro com o “último habitante”:

Esta coisa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso: “Amigos”. Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta. (CUNHA, 2000, p. 171)

Nesta pesquisa analisamos o título da primeira parte da obra, e em seguida, os trechos selecionados, com o objetivo de verificar as condições de produção do discurso e a posição do sujeito. Para explanarmos sobre a análise do discurso, condições de produção e a posição do sujeito, embasamo-nos em estudos de Michel Pêcheux, Eni Orlandi, dentre outros.

Análise de discurso: breves considerações

A análise do discurso é uma ciência, uma teoria da interpretação e tem o seu método próprio que pretende compreender o discurso. Ao discorrer sobre análise do discurso, faz-se necessário ressaltar que há duas correntes: a americana e a francesa. Segundo Orlandi, essas duas vertentes marcam duas maneiras distintas de pensar a teoria do discurso:

Há, grosso modo, duas maneiras de pensá-la: a. como simples extensão da Linguística (que corresponderia a perspectiva americana), ou, b. ver na reflexão sobre o discurso o sintoma de uma crise interna da Linguística, no domínio da Semântica, em particular (que corresponderia a perspectiva europeia). (ORLANDI, 1986, p. 108)

A pesquisa em voga será embasada na vertente da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como o seu principal precursor Michel Pêcheux, por considerar que a análise a ser feita levará em consideração os aspectos históricos e culturais da região amazônica dos discursos selecionados de Euclides da Cunha. No mesmo pensamento de Orlandi (1986), Mussalim afirma que

ao falarmos da especificidade da AD que não há apenas uma Análise do Discurso (...), em decorrência dessa fronteira instável sobre a qual ele privilegia o contato, surgem diferentes “Análises do Discurso”. Classicamente considera-se que, se uma delas mantém uma relação

privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais, enquanto uma outra privilegia a relação com a Sociologia, interessando-se por exemplo, têm-se duas “Análises do Discurso” diferentes: a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxã, [...], que privilegia o contato com a Sociologia. (MUSSALIM, 2003, p. 113)

Na mesma página a autora faz a distinção entre essas duas linhas:

O que diferencia a Análise do Discurso de Origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. (MUSSALIM, 2003, p. 113)

Diante dessas diferenças, há uma convergência entre as duas análises do discurso apresentadas que condizem com a especificidade da AD, com o estudo dos processos discursivos, com a análise das relações das condições de produção e sua constituição na discursividade.

A origem da disciplina Análise do Discurso de linha francesa, segundo Malidier⁴ (1994 apud MUSSALIM, 2003, p. 101-102), é atribuída à Jean Dubois e Michel Pêcheux, pois ambos, mesmo com estudos distintos, compartilham as ideias do Marxismo e da Política, das lutas de classes, da história e dos movimentos sociais. É, portanto, no prisma do Marxismo e da Linguística, tentando se desvincular das bases do Estruturalismo de Saussure, que nasce a Análise do Discurso. Dessa forma, o conceito de discurso segundo Pêcheux parte de três importantes áreas do conhecimento científico: a Linguística, o Materialismo histórico e a Psicanálise.

O discurso, segundo Orlandi (2001), é a prática da linguagem, mediante ao seu estudo, é possível observar o homem falando. Ainda segundo a autora, “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2001, p. 15).

Para Pêcheux (1997, p. 165), “a região do materialismo histórico que interessa a uma teoria do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada”.

Maingueneau (1997, p. 13-14) afirma que é necessário considerar outras dimensões em relação a AD, como “o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais

⁴ MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de leitura: da história ao discurso*. Trad. B. S. Z. Mariani et al. Campinas, Editora da UNICAMP, 1994.

delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso”, cujas condições de possibilidades estão articuladas sobre formações ideológicas.

Referindo-se à linguagem como um fenômeno estudado tanto no seu sistema interno quanto em sua composição ideológica, tem-se a manifestação de uma formação sócio-ideológica que compõe toda prática discursiva.

Para criar na consciência dos homens uma visão ilusória, no sentido de inversão, da realidade como se fosse realidade Chauí (2008, p. 108-109) conclui que,

a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção.

Partindo da afirmação da autora e de acordo com os preceitos em Marx sobre ideologia percebe-se que a ideologia que marca todo discurso é uma ideologia especificamente de uma classe dominante.

Althusser (1974, p. 47) afirma que

para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. É aí então que entra o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores - ARE - (compreendendo o governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.) e Aparelhos Ideológicos - AIE - (compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação) intervém, ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração.

A diferença apontada entre os dois sistemas é que enquanto o ARE trabalha completamente utilizando a repressão e por segundo pela ideologia o AIE atua especificamente na e pela ideologia, agindo apenas de maneira simbólica pela repressão.

Condições de produção do discurso e a posição do sujeito

Para compreendermos a ideologia presente em um discurso, é necessário observar as condições de produção e a posição do sujeito. Dentro da teoria da Análise do Discurso, as condições de produção, é o contexto sócio-histórico e ideológico, que compreendem o sujeito, a situação e também a memória discursiva (ORLANDI, 2001). É por intermédio de todos esses elementos que é possível entender o que está dito e as ideologias do sujeito, ou seja, o discurso não se dá somente pela linguagem, mas por tudo que o rodeia.

Segundo Orlandi (2001, p. 31), memória discursiva, também chamada de interdiscurso é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do “pré-construído”, “o já dito”, que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. O sujeito constitui o seu dizer a partir das suas redes de sentidos, ou seja, o discurso dito por ele, não é algo novo, criado por ele, mas que já fora dito em outros lugares, mas que ele inconscientemente formula e pensa ser ‘dono’ de seu próprio dizer e coloca-se na posição de origem.

Essa formulação é denominada de intradiscurso e, de acordo com Courtine, é aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas, e o interdiscurso é a constituição do sentido. O autor diferencia constituição representado por um eixo vertical, “onde teríamos todos os dizeres já ditos - e esquecidos - em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto representa o dizível” (COURTINE⁵, 1984 apud ORLANDI, 2001, p. 32 e 33), quer dizer, o interdiscurso; e, por fim, a formulação - o intradiscurso - representada em um eixo horizontal. Assim, entendemos que o discurso acontece por intermédio desse cruzamento de eixos, e para compreender a ideologia presente em sua totalidade é necessário buscarmos e o trazermos à tona.

Para a teoria da análise do discurso, os sujeitos são historicamente constituídos, ou seja, somos interpelados pelo outro, o resultado da história. As instituições sociais (família, religião, etc.) à qual o sujeito está vinculado, já o colocam dentro de certas posições, e na qual discursam a partir delas. Por exemplo, discurso de um pai e de um filho em uma mesma situação serão diferentes devido a posição que ambos ocupam. Deste modo, o discurso não se legitima pelo o que o sujeito diz, mas pela posição que ele ocupa na sociedade, ou seja, a instituição à qual ele está vinculado e que está falando nele. A seguir trataremos a respeito do discurso euclidiano a respeito da Amazônia, dos povos que a habitavam e dos povos que viriam a conquistá-la.

⁵ COURTINE, J. J. (1984). “Définition d’Orientations Théoriques et Méthologiques em Analyse de Discours”, in: *Philosophiques*, vol. IX, n. 2, Paris.

Amazônia, terra sem história: breve análise

Os escritos que formam a “Primeira Parte: Amazônia Terra Sem História”, do livro póstumo *À Margem da História*, foram produzidos provavelmente em Manaus (de janeiro a março de 1904). Nesta obra estão os primeiros esboços de “Um Paraíso Perdido” sobre os relatos de Euclides sobre sua viagem, que começou a escrevê-los em 1905, em sua primeira estadia em Manaus a caminho do Purus.

Na “Primeira Parte”, intitulada “Impressões Gerais”, há três seções onde a primeira é sobre o rio: “Tal é o rio; tal, a sua história: revolta, desordenada, incompleta” (CUNHA, 2000, p. 123); a segunda é sobre o efeito da natureza sobre o habitante: “A volubilidade do rio contagia o homem... a adaptação exercita-se pelo nomadismo. Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril” (CUNHA, 2000, p. 113); e, por fim, a terceira é sobre a escravidão do seringueiro: “o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2000, p. 127).

A grosso modo, aqui podemos traçar um paralelo com Os Sertões por meio da tríade: natureza → homem → drama social. Podemos perceber, embora fragmentado, o tratamento da Amazônia de acordo com o enfoque tratado em Os Sertões: a terra → o homem → e o conflito social. Muito embora esse não seja o nosso enfoque, convém destacar essa curiosidade, haja vista a relevância histórica desta obra.

Começando pelo título do ensaio, “Amazônia, terra sem história” temos um discurso onde é possível identificar a ideologia do sujeito e a sua posição. Para compreendermos, indagamos por que Euclides afirmou que a Amazônia era uma terra sem história, sendo que quando foi fazer a expedição na região relatou que encontrou muitos povos, e sem os conhecer de fato, sem nem saber quantos anos eles viviam ali, apenas os designou sem história:

Naqueles lugares, o brasileiro salta; é estrangeiro; e está pisando terras brasileiras. Antolha-se um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria.

É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgaste ininterrupto, as largas superfícies que atravessa. (CUNHA, 2000, p. 121)

Talvez uma conclusão a respeito disso seja o fato do isolamento geográfico da Amazônia que aparta tudo e todos do restante do país. Embora o fato desses povos não terem um registro histórico pela escrita, não significa que não tinham uma história. Segundo historiadores, a história dos povos primitivos do Brasil era repassada de geração a geração através da oralidade. Como nos lembra Cadiou,

apesar do desenvolvimento da escrita ao longo dos séculos (notadamente durante o Império Romano), um meio de conhecimento histórico valorizado pelos antigos historiadores correspondia ao que Tucídides havia defendido: a observação direta pela visão (opsis) e pelo ouvido (akoê). (CADIOU [et al], 2007, p. 23).

A teoria da análise do discurso nos permite compreender, por que o autor do ensaio se posicionou de tal modo e pode ser analisada mediante a posição que o sujeito ocupa dentro da sociedade a qual está inserido. O sujeito em análise ao falar, já diz de uma certa posição, a qual ele se identifica, nesse caso, ele fala da posição de escritor, poeta, inserido em uma sociedade em que a escrita é mais valorizada, do que a oralidade.

Nesta pesquisa selecionamos trechos da obra que apresentam os discursos de Euclides da Cunha a respeito da Amazônia, do rio, do índio, dos caucheiros e dos bandeirantes.

Sobre a Amazônia escolhemos os seguintes trechos: “... é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país” (CUNHA, 2000, p. 115); e,

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-gerais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígene numa colmatagem plenamente generalizada. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e alteia-se de cheia, aprumando-se as “barreiras” altas, exsicando-se os pantanais e “igapós”, esboçando-se os “firmes” ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal... até que num só assalto, de enchente, todo esse delta lateral se abata. (CUNHA, 2000, p. 122-123)

Sobre o rio os trechos selecionados são: “Tal é o rio; tal, a sua história: revolta, desordenada, incompleta” (CUNHA, 2000, p. 123); “Ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva” (CUNHA, 2000, p. 119); e,

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infundáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. (CUNHA, 2000, p. 123)

Com relação aos povos que habitavam a região, no caso especificamente, os índios, os caucheiros e os bandeirantes, temos com referência aos índios termos como: “índios – gente selvagens” (CUNHA, 2000, p. 98); “índios domesticados” (CUNHA, 2000, p. 164); e, “índios mansos conhecedores dos lugares” (CUNHA, 2000, p. 193).

Com referência aos caucheiros, temos: “E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos” (CUNHA, 2000, p. 161); “Ali não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caucheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, à feição das correntes, nos mesmos paus boiantes que os rios acarretam” (CUNHA, 2000, p. 211); e, por fim, com relação aos bandeirantes a distinção é destacada através do uso de adjetivos positivos: “Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antônio Raposo, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é brutal, maciço, sem frinchas, sem dobras, sem disfarces” (CUNHA, 2000, p. 168).

Na tríade referida mais acima, convém demonstrarmos um exemplo do que denominamos de drama social: “Não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça, e exercita a justiça a seu alvedrio, sem que o chamem a contas”. (CUNHA, 2000, p. 169).

Ao retornarmos nossa análise, para se referir a Amazônia de uma maneira geral, como se observa acima, o escritor, utilizou os termos: *inferior*, *revolta*; *desordenada*, *incompleta*, *destruidora*, *sem lei*, ou seja, adjetivos negativos.

A respeito dos povos que habitavam a Amazônia, Euclides pondera-se da seguinte maneira: “Vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhos impulsionem”. (CUNHA, 2000, p. 162); “Há, realmente, neste lance, um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das dezoito balas de seu rifle carregado” (CUNHA, 2000, p. 162); e, “ Em alguns meses ao lado do primitivo tambo multiplicam-se outros; [...] Nada pedem, em geral, à terra, à parte exíguas plantações de yucas e bananas, a que se dedicam os índios domesticados” (CUNHA, 2000, p. 164).

Quanto a esses povos, o escritor utiliza-se dos seguintes termos: *selvagem*, *bárbaro*, *primitivo* e *índios domesticados*. Se buscarmos a etimologia de tais adjetivos, veremos que são léxicos utilizados para designar os povos que são distantes e diferentes da cultura

ocidental. Selvagem, por exemplo, para os antigos pensadores gregos denotava aqueles que não falavam grego, chegando a ser equivalente a não possuir linguagem.

Quando ele explana sobre os caucheiros, Euclides afirma que, “o caucheiro não é apenas um tipo inédito na História. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há lugar para ele. A princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade” (CUNHA, 2000, p. 167); e, “a selvageria é uma máscara que ele põe e retira à vontade. Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes” (CUNHA, 2000, p. 168).

Por fim de análise, apesar de os Bandeirantes terem as mesmas práticas que os Caucheiros (violência contra os índios, exploração e destruição da natureza na Amazônia, etc.), Euclides afirma com veemência que, “o bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico. Foi o super-homem do deserto. O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização” (CUNHA, 2000, p. 168), deixando às claras sua parcialidade, sua missão como oficial do governo e o seu posicionamento na história.

Considerações finais

Observamos que Euclides designou a Amazônia e os povos que a habitavam, a partir de seu local de origem, de sua cultura e da sua posição de sujeito. Euclides se posiciona como um homem de Estado a serviço de uma missão diplomática de reconhecimento geopolítico, como um poeta, com uma visão nacionalista, e com uma cultura baseada nos padrões europeus, que interpelado por todas essas ideologias e instituições que os cercam julga a Amazônia, os indígenas e os caucheiros como inferiores por não serem iguais ao seu ideal de sociedade e nem à sociedade à qual estava vinculado.

Embora os Bandeirantes, de modo geral, se posicionaram do mesmo modo que os caucheiros (tratando-se da exploração da Amazônia, escravização dos índios, etc.) são apresentados como heróis, ou seja, de modo positivo, já os caucheiros são apresentados de modo negativo. Mediante a teoria da Análise do Discurso, entendemos que a posição que o sujeito ocupava não o permitia dizer algo negativo sobre os bandeirantes, pois ele estava interpelado pela instituição (Estado), tinha sido enviado para a Amazônia a mando do Estado brasileiro, e os bandeirantes também.

Diante do exposto, consideramos a importância da análise do discurso como mecanismo para a compreensão de como a linguagem materializa a ideologia e como o sujeito está interpelado por ela.

REFERÊNCIAS

Publicações impressas

ALTHUSSER, L. *Ideologia, e aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução J. J. Moura Ramos. (Título original: *Ideologie et appareils ideologiques d'Etat*, 1970). Martins Fontes. Lisboa: Presença, 1974.

CADIOU, François. COULOMB, Clarisse. LEMONDE, Anne. SANTAMARIA, Yves. *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. Brasiliense: São Paulo, 2008.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. (Coleção Brasil 500 anos). Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília, 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. Editora UNESP. São Paulo, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky: revisão dos originais da tradução: Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP; Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II, 3.ed. Editora Cortez. São Paulo, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Editora: Pontes. São Paulo, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Paris, Dunod, 1969, 143p. Tradução: Péricles Cunha. In: *Por uma análise automática do discurso: Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Organizadores: Françoise Gadet; Tony Hak. Tradução: Bethania S. Mariani [et al.]. 3ª ed. São Paulo, 1997, p. 163-252.

Artigos em publicações periódicas

GUIMARÃES, Iza Vanessa Pedroso de Freitas. *Amazônia Euclidiana*. Revista Espaço Acadêmico, Nº 117, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A análise do discurso: algumas observações*. DELTA, vol. 2, nº 1. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1986, p. 105-126.

Documentos eletrônicos disponibilizados na Internet

Sites consultados

<https://almaacreana.blogspot.com.br/2010/03/o-capitulo-acreano-na-vida-de-euclides.html>

Artigo recebido em setembro de 2017.

Artigo aceito em novembro de 2017.